

Procurarei hoje aproveitar a discussão do conceito do "eu", ao qual dedicamos a nossa última reunião, e submeterei aos senhores algumas considerações relacionadas com este problema. Estarei infringindo o programa deste curso, já que tinha previsto originalmente apresentar-lhes uma análise da frase. Relevo essa análise para a próxima reunião, para não perder o fio do argumento.

Procurei definir a conversação como um tecido de frases que se cruzam em eus. E procurei identificar o termo "conversação" com o termo "intelecto". O intelecto será portanto o campo no qual ocorram frases que ligam eus. O meu propósito hoje será o de ampliar um pouco essa visão do intelecto. Para tanto introduzirei na nossa discussão dois conceitos heideggerianos: "Befindlichkeit" e "Stimmung". Ambos os termos são intraduzíveis. O primeiro termo diz respeito ao momento no qual me encontro a mim mesmo e à situação na qual me encontro nesse momento. O segundo termo diz respeito ao clima no qual se dá esse encontro. Dada a minha definição do intelecto, posso dizer que ao me encontrar, encontro-me em conversação, isto é: a minha "Befindlichkeit" é a conversação, e é conversando que existo. Deve ser óbvio para os senhores que esta formulação não passa de uma existencialização do "cogito" cartesiano. E, ainda dada a minha definição do intelecto, posso dizer que o clima que envolve a minha "Befindlichkeit" é o de meu estar em acordo e afiado com outros: "ueberginstimmen mit anderen". Ao encontrar-me, encontro-me em vibração (Stimmung) com outros, e essa vibração, essa simpatia, evoca em mim a sensação da certeza de uma realidade, a sensação de "das stimmt" (assim está certo). A minha "Befindlichkeit" em conversação é o fundamento da minha "Stimmung" como existência em situação de realidade. A conversação é um campo no qual me encontro com outros no clima da realidade. A conversação é o fundamento do meu estar aqui na realidade. Sou realmente eu, porque concordo com outros conversando. O fundamento da minha realidade é um acordo com outros. É em virtude desse acordo, desse convênio, dessa convenção, dessa "Stimmung" que me encontro aqui, que me "befinde". É neste sentido que posso dizer que a língua é produto de um convênio, que é convencional, que ela é produto de um acordo quanto ao seu significado. A língua, que é a soma de todas as conversações, é a articulação de um convênio, devido ao qual me encontro. Este acordo que estabelece a língua e que continue sempre estabelecendo a língua é valado para mim, se me encontro no centro da conversação, rodeado de todos os lados por outros. Mas se me encontro à beira da conversação, à sua margem, em situação de fronteira, esse acordo fundamental, essa "Stimmung" da língua começa a desvendar-se. Se me encontrar em situação de limite, se a minha "Befindlichkeit" for de limite, vibrarei com a "Stimmung" da origem da língua. Na última sexta-feira procurei iluminar uma daquelas situações de limite, a saber aquela na qual me encontro ao traduzir de uma língua para outra. Hoje procurarei iluminar uma situação diferente.

Existe um ensaio de Heidegger, chamado "Warum Dichter in duerftiger Zeit?" isto é "porque poeta em tempo de carência?" que ilustra, recorrendo a Hoelderlin, a situação que tenho em mente. Pode acontecer, dada a deficiência do meu estar aqui, dada a minha vacuidade e abertura para o nada que cerca a conversação, pode acontecer, digo, que não esteja eu afinado perfeitamente com os outros. Não estou de acordo com os outros, não me entendo com eles. Não me encontro realmente, não estou realmente aqui, isto tudo não é realidade.

É o clima do "da stimmt etwas nicht" (algo não está dando certo). Nesse clima no qual procuro desesperadamente encontrar-me a mim mesmo, e no qual não consigo encontrar-me com os outros, projeto-me para fora da conversação e até a sua beira. Nesse projeto torno-me "outsider", fico à margem daquilo que para os outros é a realidade. Alieno-me, cortejo a loucura. Pode acontecer que nesse projeto nunca me encontre, nunca encontre a mim mesmo. Neste caso cairei da conversação para a salada de palavras e o balbuciar da loucura. É este o prigo do meu projeto que surge do clima "algo não está dando certo". É por isto que Guimarães Rosa diz que "viver é muito perigoso". Mas pode acontecer que neste meu projeto me encontre repentinamente. Imaginem que me encontre, nesse encontrar, à beira do abismo, a um passo da loucura. Que me encontro, a me encontrar, encarando o nada. Que a minha "Befindlichkeit" seja o limite da língua. Nessa situação surge um clima, uma vibração, que não é um vibrar com os outros, mas um vibrar com o nada. Estou de acordo e de acordo com o nada, estou afinado com o nada. É o inarticulado, o totalmente diferente de mim, o totalmente outro com o qual estou vibrando. Dilthey chama esse vibrar, esse clima, esse "Stimmung" de "Urschauer", (tremor da origem). É o clima da poesia. Este ponto que separa a conversação do inarticulado, o intelecto da loucura, o cosmos do caos, este ponto é a situação, a "Befindlichkeit" da poesia. É neste ponto que surge a conversação, é neste ponto que surge o intelecto, é neste ponto que surge a realidade. É neste ponto que se estabelece aquele acordo com o totalmente diferente que fundamenta a língua. Os poetas são os postos avançados do intelecto que estabelecem o acordo com o totalmente diferente para que possa ser língua. É neste sentido que os antigos diziam que os poetas são as bocas das musas, e que é pelos profetas que Deus fala. É também neste ponto, e em virtude dos poetas, que se dá essa adequação entre intelecto e o totalmente diferente que se chama "verdade".

Perdoem os senhores se me deixei levar, instantaneamente, pelo entusiasmo. Prometo que saberei refrear no argumento seguinte esse entusiasmo que provoca em mim a contemplação da poesia. Antes de procurar analisar o que acontece no momento da poesia, permitam que recorra aos grandes mitos da humanidade. O momento que estou descrevendo é aquele ao qual alude o mito de Prometeu que arranca o fogo dos altares dos deuses. É o momento da saída de Moisés para o deserto no qual se encontra enfrentando o arbusto em chamas. É o sábio platônico que volta para a caverna da conversação ofuscado pelo sol da sabedoria. É Zaratustra que sobe à sua montanha, tendo abandonado a planície da conversação, e, (por que não?), é o próprio Nietzsche. Estes mitos prefiguram o projeto da poesia. A poesia é um movimento que tem três fases. É primeiramente um abandono da conversação na procura do encontro consigo mesmo, e esta primeira fase tem por base o clima "algo não está dando certo". É secundamente o encontro consigo mesmo à beira do abismo, e esta segunda fase tem por base o clima do temor e tremor da origem. É e finalmente uma volta para a conversação com a marca do totalmente diferente impressa sobre o eu em forma de verso, e esta terceira fase tem por base o clima da verdade, do "das stimmt" (assim está certo). Essa triplicidade do seu

movimento distingue a poesia da prosa. A prosa também se projeta da conversação a fora mas para não mais retornar para ela. É por isto que nós, que nos encontramos em conversação, sentimos a produtividade da poesia, mas vivenciamos a prosa como perda. Mas é óbvio, dada a estrutura dos dois processos, que poesia e prosa são fenômenos linguísticos semelhantes. Talvez podemos enquadrar o silêncio de São Tomás neste contexto, e talvez também o silêncio wittgensteiniano.

Procurarei abordar o problema da poesia a partir do problema da verdade. A filosofia tradicional define a verdade como adequação do intelecto à coisa. Mas é óbvio que essa definição é uma petição do seu princípio, porque pressupõe que essa adequação se dá no próprio intelecto. O intelecto é, para a filosofia tradicional, o conjunto dos pensamentos. A coisa, à qual o intelecto deve adequar-se, não é pensamento. Mas a adequação, esta sim, é pensamento. Mas se a adequação é pensamento, (ou qualidade de pensamento), de duas uma: (1) não temos critério para distinguir entre pensamentos adequados e não adequados ou (2) estes critérios estão no além do intelecto. Estamos portanto diante do problema do critério da adequação, portanto no ponto de partida. Dever os repetir, idioticamente, que o critério da adequação do intelecto à coisa é a adequação do intelecto à coisa. Dessa situação temos duas saídas: podemos dizer que o critério da adequação é uma faculdade intuitiva da qual dispomos, e podemos localizar essa faculdade nos sentidos ou no sentido interno. Ou podemos dizer que pensamentos adequados são os que resultam em comportamento adequado. Notem o que aconteceu. Não estamos mais dizendo que verdade é adequação do intelecto à coisa, mas que ela é, no primeiro caso, adequação do intelecto aos sentidos, e, no segundo caso, do intelecto ao comportamento. Mas tanto empirismo como pragmatismo continuam prisioneiros da dificuldade primitiva. Não sendo parte do intelecto os sentidos e o comportamento qual é o critério intelectual de distinguir entre pensamentos adequados e não adequados? Nada adiantou portanto a substituição da coisa pelos sentidos e o comportamento, embora tenha trazido contribuições valiosas para a compreensão do processo do conhecimento.

Mas se eu fôr a substituir os termos "sentidos" e "comportamento" pelo termo "poesia", terei criado um novo tipo de empirismo e pragmatismo, porque a poesia é parte do intelecto. Terei doravante um critério intelectual de distinguir entre pensamentos adequados e não adequados. Direi que pensamentos adequados são verdadeiros. Poderei dizer que o intelecto se adequa ao que lhe é totalmente diferente, (e que não chamarei de "coisa", porque "coisa" é algo que o intelecto estabelece, e porque não posso dar nome ao totalmente diferente, por ser totalmente diferente), poderei portanto dizer que o intelecto se adequa ao totalmente diferente, o qual, por ser totalmente diferente, é nada, que se adequa pela poesia. E poderei dizer algo com referência a esta adequação, a saber que ela se dá no clima do tremor da origem, e que ela é original neste sentido. Não se trata portanto de uma adequação do intelecto a algum conjunto dado, por exemplo um conjunto de coisas, mas de uma adequação do intelecto ao amorfo do nada das virtualidades, do qual, no pró-

prio ato de adequação, o intelecto arranca pedaços de realidade. Ao adequar-se ao que lhe é totalmente diferente, o intelecto produz realidade. A verdade é um aspecto da produção da realidade, e não um aceitar passivo de uma realidade. Conhecendo produz, e produzindo conhece. Isto é poesia. E neste contexto que devemos colocar a famosa frase de Nietzsche "Kunst ist besser als Wahrheit (arte é melhor que verdade)".

Tomemos como exemplo daquilo que estou procurando dizer a experiência do nosso amigo vietnamita que procuramos discutir na última sexta-feira, sem pedir permissão sua. Olha ele por um telescópio e vê a lua. Pelo menos faz isto que acabo de dizer, em português, na realidade portuguesa. Esta realidade portuguesa é consequência de uma conversação que surgiu e continua surgindo de uma série de mitos, e mitos são versos antigos. A poesia arrancou, há milhares de anos, produtivamente pedaços ao totalmente diferente, ao nada, e lançou estes pedaços para dentro da conversação que somos. No curso dessa conversação esses versos foram elaborados, conversados, elucidados, e o telescópio e a lua são produtos desse processo. Fundamentalmente foram produzidas essas coisas como telescópio e lua pela atividade produtora da poesia, e telescópio e lua estão prefigurados dos mitos da nossa antiguidade. Por exemplo: tanto telescópio como lua são coisas materiais, porque a matéria é uma consequência da elaboração dos nossos versos. O telescópio é uma coisa artificial, um instrumento, e a lua é uma coisa natural, porque arte e natureza foram elaborados pela conversação que somos. Existimos em natureza e tecnologia, porque a poesia assim estabeleceu a nossa realidade. E tudo isto é verdade, porque ao estabelecer esse mundo a poesia vibrava com o de tudo diferente. O nosso amigo vietnamita faz aquilo que acabo de dizer, isto é olha pelo telescópio a lua, porque, ele também, faz parte daquela realidade que a nossa poesia estabeleceu.

Façamos agora a tentativa tremendamente difícil de descrever a mesma ocorrência do ponto de vista do coitado do vietnamita. Está ele localizado, encontra-se em realidade inteiramente diferente, porque estabelecida por mitos diferentes, por versos diferentes, por uma poesia que vibra de forma diferente com o nada. Nessa realidade não se encontra matéria, nem natureza, nem arte, portanto tão pouco se encontram nessa realidade telescópio e lua. Provavelmente nem se encontram coisas nessa sua realidade, mas apenas situações de certa maneira ligáveis com situações nossas. Porque é ligável essa situação do vietnamita com a nossa? Porque surgiu do mesmo fundo amorfo da nossa. Porque ela também é verdadeira, já que a poesia que estabeleceu a realidade vietnamita vibra com o mesmo fundamento, embora de outra forma. É uma outra realidade, com outras verdades, mas o fundamento inarticulável é o mesmo. Este fundamento comum inarticulável me permite dizer que o vietnamita olha pelo telescópio para a lua. Ele talvez dirá que o espírito dos seus antepassados aproximou-lhe o pastor noturno das águas, porque certos gestos o forçaram a isto. E este pastor noturno está ferido por bombardeios idênticos aos que castigam aqueles que não propiciam os espíritos de maneira apropriada, como o prova atualmente a invasão daqueles servidores dos peixes vorazes chamados "americanos". É óbvio que não insisto que será exatamente esta a vivência do vietnamita.

mas procura apenas dar uma caricatura daquilo que poderia ser uma realidade diferente da nossa, e os juízos nela formulados obedecerão a um critério de verdade diferente, porque a vibração da poesia era diferente. Assim creio que surgiram as diferentes línguas com suas diferentes realidades. E é por isto que creio que traduções entre diferentes línguas de estrutura diferente é praticamente impossível: Não se podem traduzir verdades diferentes. E por serem resultado de um outro tipo de poesia que são diferentes esses mundos.

Os senhores terão notado que a exposição que acabo de lhes oferecer não passa de reformulação das teses expostas quando o nome próprio foi nosso tema. Já naquela contexto procurei, com efeito, dar uma definição formal do verso como frase que predica nome próprio novo. Mas no contexto atual os senhores poderão captar aquilo que pretendo quando digo "nome próprio novo". O nome próprio novo é a articulação da vibração do intelecto com o nada que o cerca. O nome próprio novo é a marca do inarticulado sobre o intelecto. Para recorrermos ao mito: o nome próprio novo são as tábuas da lei com as quais Moisés volta da montanha. A poesia é aquele lugar nos limites da conversação no qual surgem nomes próprios novos. Mas o verso não é apenas nome próprio novo. É elevação desse nome a sujeito de uma frase predicativa, pelo menos no nosso projeto de línguas. A poesia enquadra, no nosso projeto, o nome próprio em estrutura "sui generis", chamada "verso", e essa estrutura será estrutura da nossa realidade. Graças a essa estrutura do verso, (que será o tema da minha próxima exposição), tem a nossa realidade e o nosso intelecto aquele caráter lógico e de geometria analítica que possibilitará, no curso da conversação, o aparecimento das ciências como métodos de análises e manipulações da realidade.

Procurei aproximar-me do problema da poesia, nesta exposição, de dois lados diferentes, a saber da experiência imediata e da tentativa teórica de definir o termo "verdade". Sob o primeiro prisma a poesia se apresentou como o encontro do eu consigo mesmo, ("Befindlichkeit") no limite do intelecto, e como o clima (Stimmung) do tremor da origem. Sob o prisma da verdade a poesia se apresentou como aquele movimento do intelecto pelo qual este se adequa, produtivamente, aquilo que lhe é inteiramente diferente. Mas poderíamos assumir um terceiro ponto de vista, um ponto de vista histórico, e focalizar a poesia como origem histórica da língua. Poderíamos dizer, colocado o problema assim, que a língua surgiu, "in illo tempore", como uma articulação, uma expressão, uma expulsão do fundamento inarticulado. Essa expulsão, (da qual nos conta, talvez, o mito do paraíso), seria como que o primeiro encontrar-se do ser consigo mesmo. O funcionamento informe, inarticulado e virtual expulsaria assim do seu seio a palavra criadora para encontrar-se a si mesmo e estabelecer-se em realidade. Este seria o acordo e o convenio que estabeleceu a língua: realizar a virtualidade dormente no nada. A língua, o intelecto, o pensamento, enfim o homem como ser pensante teriam surgido como articulação poética do ser, para que o ser se possa estabelecer como ser, e não como nada. A erupção da língua seria um desvendar poético e criador do ser, e seria neste sentido que poderíamos dizer que o homem como participante da conversação é o ponto no qual o ser se realiza. A origem da língua, (que é a

origem do pensamento e do homem), seria, na palavra de Heidegger, aquele surgir da clara noite da angústia no nada, na qual as coisas se mostram como são, a saber coisas, e não nada. Esta primeira articulação poética seria o desfecho do ser até agora fechado, e com este desfecho seria iniciada a história propriamente dita, isto é a história como processo de realizações projetadas.

Com efeito, a história da nossa civilização parece comprovar essa visão da poesia. Surge na penumbra do mito, do verso denso e impenetrável, e o clima que rodeava essa origem da civilização é aquele clima do tremor que caracteriza a poesia. Na medida em que avança, na medida em que conversa os mitos que a projetaram, vai a nossa civilização elucidando, afrouxando, e prosaizando os versos primordiais, e vai realizando os seus projetos. Surgem aqueles estágios progressivamente prosaicos que chamamos, grosso modo, religiosos, filosóficos, científicos e tecnologicizantes. O clima do tremor original vai se diluindo, e o clima da dúvida, do desafinar, do "da stimmt etwas nichts" (algo está em discorde) vai se estabelecendo. A realização progressiva do projeto primordial é uma alienação contínua do pensamento das suas origens. É por isto que quanto maior o progresso, tanto maior o clima do absurdo, já que "absurdo" significa "longe das raízes". Mas a conversação progressiva que é a nossa civilização não está fadada a realização total dos projetos contidos nos seus mitos. Não está fadada a realização daquele paraíso terrestre que a tecnologia e o comunismo prometem, e que será a progresação total, com aquele tédio insuportável e com aquela sensação do absurdo que acompanharão o paraíso. Não está fadada a isto, porque nós, eus em conversação, somos seres defeituosos, abertos para o nada, abertos para a poesia. Existimos, isto é transcendemos sempre a nossa situação pela nossa vacuidade. É por esta vacuidade que intuímos sempre que algo está desafinado. Somos todos, enquanto existências autênticas, poetas em potencial, e podemos sempre projetar-nos para situações de limite. É claro que podemos sempre decair, que podemos sempre fechar-nos ficar cheios de nós mesmos, satisfeitos com a situação, e no clima dessa inautenticidade precipitar-nos rumo à morte. Nessa situação estaremos surdos à poesia. Mas dada a nossa vacuidade, podemos sempre decidir-nos em prol da poesia. É na poesia podemos sempre retomar contacto com a nossa origem; com a verdade, com o totalmente diferente que ronda a nossa situação e a invade no nosso íntimo a todo instante. Em outras palavras, depende da nossa decisão de encontrarmos-nos a nós mesmos. A poesia é a fonte da qual a nossa civilização se renova sempre. Os versos que a poesia verte sobre a conversação em chuva vivificadora são os lugares nos quais nos encontraremos sempre.

Como disse, o primeiro passo dessa decisão para a poesia é um projetar-se do eu conversação afóra. É uma decisão para a alienação, para o ensimesmamento. É a procura da solidão, porque somente na solidão o de tudo diferente se manifesta. Unamono articula essa decisão para a poesia de maneira maravilhosa. "Soledad de soledades, soledad, he perdido de mi mismo la verdad. La mi voz me vien de fuera. Quein la dá? Quen es el que asi me llama? Dios sabra". Creio

que neste verso está contida toda a teoria da poesia que procurei expor aos senhores.

Redefino portanto o eu: o eu é aquele nó de frases na conversação que está aberto para o nada, e por esta abertura pode irromper a poesia para enriquecer a conversação e dar-lhe impulso para realizações futuras. É pela mesma vacuidade que irrompeu, "in illo tempore", a língua como primeiro encontro do ser consigo mesmo. Espero que este excursão para o pensamento existencial deu aos senhores mais uma possibilidade de localizar o tipo de filosofia que estou procurando expôr-lhas.

Bibliografia: Heidegger: Was ist das, die Philosophie,  
Kierkegaard, Temor e Tremor  
Sartre: L'Être et le Néant  
Jaspers: Ein philosophischer Glaube

outro é uma forma de amor à conversação, que é o fundamento da realidade. É por este tipo de amor que me imortalizo intelectualmente. É o amor intelectual de Spinoza, formalizado. Todas as demais formas de amor, e de imortalidade, são metafísica, e devem ser eliminadas do discurso metódico, embora com pesar, e talvez com consciência um tanto pesada.

A análise existencial da tradução, que procurei esboçar com poucas palavras, aponta horizontes vastos, porque diz respeito a uma situação de fronteira. Não pretendo que minha análise seja exaustiva. Pelo contrário, confesso que estamos nos movimentando em terra virgem. Mas creio ter tornado um pouco mais compreensível aos senhores a minha afirmativa inicial, de que tanto mundo externo como eu não passam de horizontes da língua. Certamente as suas objeções serão tão violentas como eram as objeções contra a eliminação do mundo externo de uma discussão disciplinada. A nossa fé no mundo externo busca argumentos no terreno das ciências naturais; a nossa fé no eu as busca no terreno da psicologia. Peço aos senhores que considerem, ao argumentar, que a psicologia não passa talvez do anverso da física, portanto, do outro lado da língua. A pedra lá fora, e a impressão da pedra cá dentro, não passa talvez de uma forma de querer-se determinar o significado da palavra "pedra", e é talvez nessa vontade de querer-se determinar o significado de palavras que surgem o mundo externo e o eu.

O meu argumento não é válido para combater uma fé, seja ela a fé na realidade do mundo, seja ela a fé na realidade da alma. O meu argumento é uma consequência da perda da fé em ambos. Os senhores, que porventura nutrem uma ou ambas dessas fés, devem pô-las em parênteses fenomenológicas para poder seguir o meu argumento. Assim uma conversação entre nós se tornará possível.

Bibliografia: Klages L: Die Sprache als Quell der Seelenkunde  
Whitehead A N: Modes of Thought  
Jaspers K: Vernunft und Existenz  
Buber M: Dialogisches Leben  
Jung C G: Die Symbolik des Geistes